

A MANIFESTAÇÃO DOS NÚMEROS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Olívia Horta Bulla Piedade¹

Resumo

A presente pesquisa pretende compreender como o jornalista usa os números como argumento que simula um sentido de verdade no texto, sustentando um discurso. O estudo parte do pressuposto de que o uso dos números potencializa o valor da notícia e que as rotinas produtivas no mundo do trabalho do jornalista permitem ao emissor da notícia contar a verdade que se quer dizer. A proposta insere-se no debate sobre linguagem e produção de sentido em Comunicação, através das reflexões do discurso pela análise crítica nas matérias referentes às manifestações sociais contra o aumento da tarifa de transporte público em São Paulo, em junho de 2013, e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Números. Discurso. Dialética. Protestos Sociais. Trabalho.

Introdução

Diante das mudanças no perfil do profissional jornalista e no modo de organização do trabalho por causa das relevantes transformações ocorridas no panorama dos meios de comunicação (Fígaro, 2013), propõem-se uma pesquisa que se insere no debate sobre linguagem e produção de sentido.

A partir da análise crítica do uso dos números para embasar o discurso jornalístico, simulando um sentido de verdade no texto, pretende-se refletir sobre os desdobramentos recentes da teoria social do discurso, cuja matriz “parte das discussões sobre signo, língua e linguagem inaugurados por Ferdinand Saussure” (TRINDADE, 2008, p. 37).

Novas tendências em Análise do Discurso surgiram em meio à mudança estrutural que transforma as sociedades modernas desde o fim do século XX. Nesse período, Fígaro (2013) aponta o surgimento do tratamento da informação jornalística de fácil acesso o maior dos desafios no exercício profissional e ressalta que “nos últimos 20 anos, o trabalho do jornalista mudou muito” (p. 6).

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom) pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail:oliviahbpiidade@usp.br.

Com as transformações provocadas pelas tecnologias de informação, houve uma mudança nos conceitos que englobam empresa e trabalho. Castells (2007) lembra que a flexibilidade do mercado está imbricada nas relações de produção herdadas do industrialismo. Há complexificação, heterogeneização e fragmentação.

Nessas sociedades que manifestam, por meio de signos, uma coexistência de valores mundiais e de valores nacionais, tende a haver uma adaptação das diversas visões de mundo inseridas no sistema global, a partir de seus contextos específicos.

(...) Os dêiticos do discurso (pessoa/espço e tempo) (...) incorporam e representam a atual dimensão simbólica, social da percepção sobre o que se está instituindo como modo de ser do indivíduo, do espaço e do tempo da modernidade-mundo (TRINDADE, 2005, p. 82)

Dentre os fenômenos comunicacionais da sociedade atual, a proposta é analisar, através do discurso, como o produto jornalístico transforma um número em um fato noticioso, considerando-se que toda realidade transformada em notícia é uma forma de interpretação dos fatos e que há sempre interesses em torno de uma questão.

Trindade (2008) lembra que o entendimento de Hall é de que a significação (codificação e decodificação) das informações tem sua produção de sentido na mediação das culturas, em seus contextos (espaços e tempos). “As informações, dadas em práticas discursivas, se transformam em práticas culturais, carregadas de valores ideológicos” (HALL, 2003 *apud* TRINDADE, 2008, p. 44).

Hall (1999) avalia que a mudança do mundo social no processo de identificação transforma a construção do sujeito pós-moderno, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam. “Correspondentemente, as identidades [...] estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (p. 12).

Assim, pretende-se compreender como as práticas produtivas permitem ao emissor da notícia usar os números para sustentar um discurso. Sem a intenção de retomar a questão sobre Ciência e Ideologia, Lopes (2010) considera esta última como elemento ou nível presente em todo tipo de discurso, até mesmo o científico. “A objetividade é entendida como limite ao qual se tende e a que nunca se chega terminantemente” (p. 95).

Objeto

Elegendo como ponto de partida a capacidade da mídia de associar uma informação a um número, fortalecendo o discurso, a pesquisa considera o uso desse poderoso recurso para a construção de sentido como “um fato social em si, e que pode também ser explicado sociologicamente” (ABRAMO *In SEDI apud* LOPES, 2010, p. 138), através da verificação do tratamento dos números nos processos produtivos de trabalho. A questão crucial que se situa nesse assunto é “como os números servem de subsídios para o discurso da mídia?”.

A partir disso, a pesquisa visa compreender o uso dos números para a construção de qualquer argumento que se queira defender, potencializando seu valor como notícia, combinado com as normas e procedimentos do mundo do trabalho que justificam a transgressão desse recurso. As suspeitas são de que a quantificação da informação é uma retórica², que permite ao emissor da notícia contar a versão que se quer do fato, com base em elementos das rotinas produtivas, fazendo com que o receptor da mensagem “engula” inverdades.

Para elucidar os conceitos envolvidos no problema de pesquisa, o recorte do objeto se dará através de um estudo de caso, que comporá o *corpus* da pesquisa e permitirá a análise, pela vertente crítica do discurso - e o seu caráter enquanto prática social³, da utilização dos números nas matérias referentes às manifestações sociais contra o aumento da tarifa de transporte público em São Paulo, em junho de 2013, e seus desdobramentos em outras esferas (política, econômica e cultural) no Brasil. Pois, como lembra Lopes (2010), “os conceitos são transformados em *indicadores empíricos*, ou unidades diretamente observáveis” (p.138).

Nesse sentido, pretende-se, a partir da observação das rotinas produtivas, entender como o produto jornalístico derivado dos números é tratado e como se dão as decisões que marcam o valor do número e sua representatividade no fato noticioso. A percepção da constituição discursiva através do universo “numerológico” trata da racionalização dos processos cotidianos e se insere no grupo de pesquisa “Comunicação e Trabalho”, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), coordenado pela professora Roseli Fígaro.

² “Entende-se aqui com o sentido original que lhe deu Aristóteles: uma arte de persuadir que se deve apoiar, para fundamentar raciocínios convincentes, sobre o endoxa, isto é, sobre as coisas que a maioria das pessoas pensa” (ECO, 1976: 160).

³ Vide Norman Fairclough (1989)

Ao tratar da racionalização do processo produtivo, a proposta de estudo tem como paradigma científico a dialética e o materialismo histórico, que veem a razão como instrumento de apreensão da realidade. Assim, a contribuição pretendida pela pesquisa é mostrar que o poder dos números é limitado e começa a evaporar à medida que o receptor examina o contexto, reconhece e identifica a construção de um discurso baseado em argumento numérico.

Em referência à afirmação de Bourdieu (1983), de que o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica e da competência científica, o objeto científico envolve uma ideia de integração e visa desenvolver um processo de pensamento complementar e convergente, por meio do conceito de complexidade de Morin (2006).

Pode-se dizer que o que é complexo diz respeito, por um lado, ao mundo empírico, à incerteza, à incapacidade de ter certeza de tudo, de formular uma lei, de conceber uma ordem absoluta. Por outro lado, diz respeito a alguma coisa de lógico, isto é, à incapacidade de evitar contradições (*ibid*, p. 68)

Sob essa égide, Lopes (2010) lembra que é a complexidade do objeto de estudo nas Ciências Sociais que instaura a diversidade de paradigmas científicos que, por sua vez, constituem os pressupostos verdadeiros da pesquisa e implicam um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em um espaço sistêmico. “Ao final, a prática da pesquisa é concebida como um campo de forças submetida a determinados *fluxos e exigências internas e externas do conhecimento*” (p. 29).

Partindo-se do pressuposto de que não existe texto neutro, o uso adequado da linguagem, associado às técnicas de produção jornalística, pode explicar o conteúdo a ser transmitido, mas não exclui os interesses em torno da questão e a forma como o fato é apresentado. Como resultado, a mídia criadora dessas “fachadas numéricas” faz uso de um instrumento poderoso para apoiar um argumento e intimidar o receptor.

O contrário, porém, também pode acontecer. Há de se considerar, no processo científico, a existência de alguns entraves que atrapalham ou evitam que a transmissão da informação ocorra de forma plena. Essa, aliás, é uma das grandes contribuições da teoria latino-americana das mediações, conforme observa Lopes (1993).

A produção e reprodução social do sentido envolvida nos processos culturais não é somente uma questão de significação, mas também uma questão de poder (LOPES, 2010, p. 85)

Entende-se que, nesse contexto, foi destacada a relevância da pesquisa no âmbito do Brasil. Conforme só a dialética entre procedimentos indutivos e dedutivos possibilita descobrir: “o concreto é o concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade” (MARX, 1977 *apud* LOPES, 2010, p. 123).

Acredita-se, portanto, que a originalidade da mesma vem com a proposta de fazer uma digressão sobre o tema, buscando relacionar a semiose jornalística e suas implicações socioculturais e discursivas, com a transformação dos números em histórias, usando-os como referência, e não como fato em si. Afinal, os números podem determinar o sucesso ou a derrocada do conhecimento.

O objeto de pesquisa se insere, portanto, “numa problemática do avanço do conhecimento: o pesquisador escolhe seu objeto em função das faltas que ele detecta no *corpus* constituído das Ciências Sociais” (CHEVRIER, 1993 *apud* DESLAURIERS e KÉRISIT *In* POUPART *et al*, 2008, p. 132).

Quadro Teórico de Referência

Considera-se que o pressuposto teórico geral do objeto de pesquisa parte da concepção de pensamento complexo de Morin (2006), que prega que não se pode isolar os objetos uns dos outros, e da visão de sujeito pós-moderno de Hall (1999), para quem as identidades são construídas por meio da diferença. Essas vertentes inserem-se na orientação teórica dos estudos de análise do discurso, derivados da perspectiva crítica da escola inglesa proposta por Norman Fairclough (1989), que provê o quadro de conceitos para o problema de pesquisa, organizando-o.

O que une essas perspectivas, em nossa visão, é a concepção que elas têm sobre o sujeito, pois se trata de um sujeito que atua no mundo social, dentro de um contexto social, ou, na acepção de Bourdieu (1983), em um campo (aliás, o sujeito, para Bourdieu, tem o mesmo estatuto). Como diz Lopes (2010) “dentro da Ciência existe certa correspondência entre determinada teoria e a problemática empírica com a qual melhor operam seus conceitos” (p.49).

Resende e Ramalho (2013) lembram que a Análise de Discurso Crítica, doravante ADC, cuida tanto do funcionamento do discurso na transformação criativa de ideologias quanto do funcionamento que assegura sua reprodução.

As ideologias são significações/construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH *In* RESENDE E RAMALHO, 2013, p. 47)

Portanto, à ADC só é aplicável o conceito de discurso definido como a linguagem em uso, uma vez que o foco de interesse não é apenas a interioridade dos sistemas linguísticos, “mas, sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias no discurso” (*ibid*, p.13).

Em outra obra, Resende e Ramalho (2005) afirmam que a ADC “procura estabelecer um quadro analítico capaz de mapear conexões entre relações de poder e recursos linguísticos selecionados por pessoas ou grupos sociais” (p.28). Nesse sentido, o discurso é compreendido como um elemento da prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade.

Observa-se que houve [...], um movimento do discurso para as práticas sociais, ou seja, a centralidade do discurso como prática dominante da análise passou a ser questionada, e o discurso passou a ser visto como um momento das práticas sociais (RESENDE E RAMALHO, 2005, p. 28)

Fígaro (2012) afirma que o discurso revela sua existência pelo uso, por estar na corrente da sociedade. “[...] o texto só é possível de ser abordado e compreendido como discurso, ou seja, no contexto de uso, em diálogo com a corrente de discursos à qual pertence” (p.14).

Nesse sentido, Fiorin (Fígaro *et al*, 2012) lembra que todas as teorias do discurso levam em conta o fato de que o texto é constituído de linguagem, que é um sistema de construção de sentido. “No entanto, umas põem acento mais num aspecto do que noutra” (p. 47).

Uma reação à tendência estruturalista de fechar os discursos sobre eles mesmos pôs em primeiro plano a chamada “arquitextualidade” (Maingueneau, 1989), ou seja, as relações intertextuais. Igualmente a este movimento atestam-se os trabalhos do “Círculo de Bakhtin”, “que fazem do 'dialogismo', da relação com o Outro, o fundamento de toda discursividade” (MAINGUENEAU, 1989, p. 111).

O que se denomina pensamento bakhtiniano introduz uma nova forma de conceber e enfrentar a linguagem. Brait (Figaro *et al*, 2012) resume que os trabalhos do Círculo mostram

que o falante tem uma margem de escolhas, diante das possibilidades lexicais e sintáticas existentes numa língua. “E mais: essas escolhas [...] dizem muito sobre o próprio enunciador” (p.83).

No ângulo da pesquisa, os números vão se tornando objetos, nos quais a imprensa encontra elementos para reforçar sua crença, amplificando o potencial de notícia de um fato e fazendo uma reprodução do real. Trata-se do que Bakhtin expõe na necessidade de uma abordagem marxista da filosofia da linguagem, ao falar sobre as relações entre linguagem e sociedade, colocadas sob o signo da dialética enquanto efeito das estruturas sociais. “Só a dialética pode resolver a contradição aparente entre a unicidade e a pluralidade da significação” (Yaguello *In* Bakhtin – Volochinov, 1986, p. 15).

Para Bakhtin, a enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, seja do discurso interior ou exterior. “Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um 'horizonte social’” (*ibid*, p. 16).

Tomando a Análise Dialógica do Discurso (ADD) como sendo a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos, o conceito de dialogismo, vinculado com o de interação, é a base do processo de produção dos discursos e da própria linguagem.

[...] a abordagem do discurso não pode se dar somente a partir de um ponto de vista interno, ou, ao contrário, de uma perspectiva exclusivamente externa. Excluir um dos polos é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise, e dado como constitutivo da linguagem (BRAIT *In* FIGARO, 2012, p. 88)

Concebido dessa forma, o texto deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos dialógicos que o constituem, dos embates e tensões que lhe são inerentes e do fato de que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais. “As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalinguística” (Bakhtin *apud* Brait *In* Figaro, 2012, p. 86).

Assim, consideramos que, ao expressar uma ideia, sob a forma numérica, o emissor faz com que ela soe respeitável, embora a medição esteja distante da verdade absoluta e do significado do algarismo no mundo real. Acredita-se ainda que, à revelia, a utilização dos números caracteriza a transformação da realidade em ilusão por meio do processo jornalístico de produção da notícia.

Procedimentos Metodológicos

A Metodologia, conforme observa Lopes (2010), deve ser amplamente entendida como a teorização do processo de produção de conhecimento, constituindo-se no espaço “da reflexão de um campo de conhecimento sobre si mesmo, enquanto prática teórica” (p. 90).

Como lembra a autora, a prática da pesquisa é, na essência, uma prática metodológica. Portanto, a Metodologia deve ser analisada não somente como técnicas de pesquisa, mas como a explicitação da construção do objeto e aspectos metateóricos da pesquisa.

Lopes (2004) considera que há diferentes níveis da pesquisa, relativos ao discurso: epistemológico, teórico, metódico e técnico, e uma das grandes deficiências na pesquisa em Comunicação no Brasil é a falta de uma visão metodológica integrada. Também há uma teoria no campo, que não pode se dissociar da prática, ou seja, é preciso ter vigilância epistemológica (Bourdieu, 2005) em todas as fases da pesquisa. Para Lopes (2004, p. 31),

Um dos erros metodológicos mais graves (...) são as sucessivas rupturas entre a fase do objeto, da observação e da análise. Essa ruptura se dá no momento da construção do objeto (...), quando é montado um quadro teórico de referência (...), que pouco ou nada remete ao momento da pesquisa de campo (cujas técnicas, sabemos, instrumentalizam os dados e conformam-nos), ruptura que costuma permanecer no momento da análise, quando dificilmente se volta à problemática teórica do primeiro capítulo.

Para transformar o objeto científico em objeto empírico da pesquisa, pretende-se fazer um estudo de caso, recortando a análise no tema apresentando e utilizando a técnica de coleta conhecida como observação indireta. Nesse procedimento, afirma Thiollent (1980), “a intervenção é passiva na medida em que as 'respostas' não são formuladas em reação a perguntas, e sim são mensagens que existem independentemente do processo de investigação” (p. 32).

Somado a isso, está a análise de conteúdo aplicada à leitura de imprensa, uma das principais técnicas de observação indireta. “A observação indireta consiste em análise de documentos ou de imagens relativos ao fato” (THIOLLENT, 1980, p. 32).

É importante salientar, conforme lembra Lopes (2010), que nas pesquisas quantitativas, sob a ótica do materialismo histórico, “normalmente, as técnicas de coleta são combinadas em função dos propósitos da pesquisa, que exigem diversos tipos de dado” (p. 148). A partir desse tipo de análise e do recorte do tema apresentado – as manifestações

sociais na cidade de São Paulo em junho de 2013 - pretende-se confrontar o material coletado pelo pesquisador com a seleção de matérias publicadas no veículo de comunicação, de modo a observar a função reguladora dos discursos na vida social.

Para tanto, as reflexões serão embasadas na Análise de Discurso Crítica e a utilização dos números nas matérias referentes às manifestações sociais. E, a partir da observação das rotinas de trabalho e suas práticas produtivas, buscar entender como o jornalista usa os números no texto para sustentar um discurso.

A partir daí, pretende-se fazer a ponte entre a fase de observação dos dados e a fase da interpretação, ao combinar operações técnicas e métodos de análise. “A construção do 'objeto empírico' vem a ser reprodução do fenômeno concreto descritivo através de seus caracteres essenciais” (LOPES, 2010, p. 149).

Partindo-se do pressuposto de que por mais que o número pareça extremamente preciso e oficial, a exatidão é ilusória, mas há predisposição em aceitá-la, acredita-se que o método de análise escolhido permitirá avaliar se o Jornalismo é capaz de tomar os números para embasar a informação com uma indevida imparcialidade.

Como mostrou Bourdieu (2007), quando se trata de classificar objetos socialmente classificados e classificantes, isto é, “desigualmente distribuídos entre as classes sociais e, conseqüentemente, desigualmente atribuídos às classes sociais [...], observamos o mesmo acordo sobre a significação associado ao mesmo desacordo sobre o valor das coisas classificadas” (p. 500).

Para a pesquisa empírica será pautado um protocolo “multimetodológico” que, conforme lembra Lopes (2011), abrange o enfoque teórico complexo das mediações, que o ambiente dos novos meios exige. Ao nosso ver, essa estratégia auxiliará a comparar os diferentes momentos de interação dos participantes com o seu discurso.

Assim, a pesquisa tem como método de interpretação nas Ciências Sociais o dialético, que realiza o processo de abstração e de generalização sempre em um campo histórico, “buscando as relações estruturais do fenômeno no todo social por meio do princípio da contradição (nível de funcionamento do tipo social histórico)” (LOPES, 2010, p. 152).

A autora defende a utilização de estratégias “multimetodológicas”, devido à complexidade e à interdisciplinaridade dos objetos no campo da Comunicação.

A interpretação é a segunda etapa da análise e com ela a pesquisa atinge a própria cientificidade. É a fase que envolve a teorização dos

dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa. O ponto de chegada retoma dialeticamente o ponto de partida, integrando os dados numa totalidade que agora é igualmente objeto empírico e objeto teórico (LOPES, 2010, p. 151).

Considerações Finais

Retomando o começo do texto, pretende-se por meio da Análise do Discurso Crítica, observar como o produto jornalístico derivado dos números é tratado e como se dão as decisões que marcam o valor do número e sua representatividade no fato noticioso. A partir dessa exposição, tentar-se-á englobar todo o processo, entendendo o sentido do discurso como dado por coerções internas à própria linguagem e pela relação externa de um discurso com outros.

Devemos entender a linguagem, portanto, como forma de prática social e o discurso como forma importante de revelar mudanças sociais, tal como analisam Bakhtin (1992) e Fairclough (2008). Diante das várias vertentes da Análise do Discurso, são as reflexões da interface entre Linguística e Ciência Social Crítica que norteiam a pesquisa. Concomitante a essa linha, está um conjunto de obras que compõem o que se denomina pensamento bakhtiniano e seu Círculo.

Como lembra Lopes (2010), a pesquisa bibliográfica específica deve comportar pelo menos o estudo de textos que versem sobre: “os modelos teóricos; os problemas metodológicos e os conteúdos temáticos relativos ao objeto de investigação” (p. 139). Em termos operacionais, diz a autora, a função do conjunto de hipóteses em uma investigação é fazer a ponte entre a teoria e os fatos de realidade.

Esse desenho de pesquisa será elaborado tendo como guia que o uso dos números potencializa o valor da notícia através da quantificação da informação e que o mundo do trabalho naturaliza esse método, por permitir ao emissor da notícia “torturar” os fatos. Essa hipótese de trabalho pretende “fornecer a conexão necessária entre teoria e investigação, teoria e fato” (LOPES, 2010, p. 140). Ao término da investigação espera-se a confirmação, a rejeição (total e parcial) ou a formulação de novas hipóteses.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (V.N. VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

- BOURDIEU, Pierre (1983). **O campo científico**. São Paulo: Ática.
- BOURDIEU, Pierre (2007). **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp/Zouk.
- CASTELLS, Manuel (2007). **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1
- HALL, Stuart (1999). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.
- FIGARO, Roseli (org.). **As Mudanças no Mundo do Trabalho do Jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.
- FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- LOPES, Maria Immacolata V. (2011). Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: JACKS, Nilda (coord.). **Análisis de recepción em América Latina**. Quito: Ciespal.
- LOPES, Maria Immacolata V. (2010). **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 11ª ed.
- LOPES, Maria Immacolata V. (2010). Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em Comunicação. In: BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V.; MARTINO, L.C. (orgs.) **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus.
- LOPES, Maria Immacolata V. (2004). Pesquisa de Comunicação: Questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. XXVII, nº1, jan/jun.
- LOPES, Maria Immacolata V. (1993). Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **INTERCOM – Revista brasileira de Ciências da Comunicação**, vol.XVI, 2, São Paulo.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes. 1989.
- MORIN, Edgar (2006). **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina.
- POUPART, Jean et al (2008). **A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes.
- RESENDE, V.M. E RAMALHO, V.C.V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo, 2013.
- RESENDE, V.M. E RAMALHO, V.C.V. Análise do discurso crítica. *In* **Revista Latinoamericana de Estudios del discurso**. Caracas: Ed. Universidad Central de Venezuela/ALED, 2005.
- THIOLLENT, Michel (1980). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis.
- TRINDADE, Eneus. Diretrizes para uma teoria da enunciação e da recepção publicitária. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, v.31, n.2, 2008ª.
- TRINDADE, Eneus. A publicidade e a modernidade-mundo. As representações de pessoa, espaço e tempo. *In* BARBOSA, I.S. (org.) **Os sentidos da publicidade. Estudos Interdisciplinares**. São Paulo. Thomson Learning, 2005.